10º FEPEG FÓRUM ENSINO · PESQUISA EXTENSÃO · GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
ISSN 1806-549 X

Autor(es): JACQUELINE ARAUJO CORRÊA MENDES, LILIAN MARCELA BARROS MENDES, ARANAY APARECIDA BRAGA SANTOS DE MACEDO, DÉBORA MORGANA DE MENESES LACERDA, ROSÂNGELA BARBOSA CASTRO

CANTINHO DO TEATRO: *experiências de alunos da Educação Infantil com fantoches na Brinquedoteca/Campus Pirapora*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as experiências de alunos da Educação Infantil com o teatro de fantoches na Brinquedoteca da Unimontes/Campus Pirapora. O projeto da Brinquedoteca envolve a articulação entre o ensino, pesquisa e extensão. Buscamos na ação que será descrita nesse trabalho estudar um caso específico que envolveu a intervenção e cooperação de acadêmicos do curso de Pedagogia. Os acadêmicos vêm atuando de forma colaborativa nas visitas das crianças da Educação Infantil à brinquedoteca. Considera-se que o cantinho de teatro no contexto da Brinquedoteca favorece o desenvolvimento da linguagem oral, da criatividade e da expressão artística dos alunos da Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE

Teatro; fantoches; linguagem oral.

INTRODUÇÃO

O teatro de bonecos é um fenômeno bem antigo se pensarmos nas manifestações ao longo do tempo. No Brasil o aparecimento dos bonecos se deu no século XVI. No entanto, é no nordeste que temos a referência mais forte desse movimento – o teatro Mamulengo, em Pernambuco. O teatro Mamulengo mantém a tradição até os dias atuais.

O teatro de bonecos fascina tanto crianças quanto adultos. Segundo Amaral (1996)[1] essa é uma das mais ricas formas de prática lúdica. E é justamente o seu potencial pedagógico que favorece o desenvolvimento humano em múltiplas dimensões, dentre elas, a comunicação. Desse modo, quando o professor permite que os alunos se envolvam em situações de dramatização teatral, por meio dos fantoches, propicia o aprendizado de inúmeros aspectos. De acordo com Ferreira e Caldas (1993, p, 13)[2] esses aspectos são: "esperar sua vez de falar; ouvir o que os outros falam; respeitar a opinião dos outros e exprimir seu desacordo com argumentos convincentes".

Ao manusear um fantoche as crianças sentem a necessidade de dar vida aos bonecos. Essa manifestação da criança deve ser estimulada pelo adulto. Nesta atividade as crianças desenvolvem a criatividade, a expressão oral e artística. Para Rios (2003)[3] a confecção e manipulação dos bonecos/fantoches contribuem com a desinibição e a integração social das crianças ao meio social. Na escola essa é uma estratégia eficaz para o desenvolvimento de várias habilidades.

Nesse sentido, o teatro de fantoches tem bases psicológicas para subsidiar o processo educacional. No processo de sociabilidade, por exemplo, os fantoches podem ser introduzidos como jogos auxiliares no desenvolvimento de atitudes, para dar vazão aos impulsos das crianças, para trabalhar seus medos e fobias, os conflitos e no alivio de suas tensões. É com base nessas concepções que a Brinquedoteca cumpre um papel fundamental como espaço propício a vivência do lúdico com acesso a brinquedos, jogos, brincadeiras e atividades culturais para crianças de todos os segmentos sociais.

MATERIAL E MÉTODOS

O evento descrito nesse trabalho ocorreu no dia 27 de outubro de 2016, no turno matutino. A Brinquedoteca recebeu a visita 36 alunos da Educação Infantil da Escola Municipal A. I., do município de Pirapora. Essas crianças tinham uma faixa etária entre cinco e seis anos. A metodologia aqui adotada é o estudo de caso de uma ação específica que contou também com a observação. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se a gravação em áudio e vídeo e o registro fotográfico. Os alunos foram organizados em três grupos para experimentar os diversos cantinhos da Brinquedoteca: cantinho do faz de conta, cantinho de artes, cantinho de jogos. Para o cantinho de teatro todos os alunos participaram ao mesmo tempo. A análise do evento "teatro de fantoches" foi realizada por meio da observação e da gravação em vídeo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sessão de teatro de fantoches apresentada neste trabalho faz parte de uma das ações descritas no projeto da Brinquedoteca. O projeto conta com vários parceiros, dentre eles, a Secretaria Municipal de Educação de Pirapora. Desde do momento em que foram estabelecidas as parcerias o Campus da Unimontes/Pirapora tem atendido as solicitações das escolas em visitas das crianças ao espaço da Brinquedoteca. Os alunos da Escola Municipal Pré-escolar A. I. chegaram a universidade por volta das 8h20m para uma manhã de atividades lúdicas. Uma turma de 36 alunos que foram divididos em três grupos. Após essa organização os grupos de alunos foram encaminhados aos diversos espaços da Brinquedoteca. Uma turma foi para o cantinho de artes (FIG.1 B), outro para o cantinho de jogos (FIG.1 A) e outra turma para o cantinho do faz de conta (FIG.1 C). Durante 30 minutos eles aproveitaram todos os detalhes de cada cantinho. Decorrido o tempo estipulado para brincarem nos cantinhos os alunos trocavam os espaços. Desse modo, todos puderam vivenciar cada espaço lúdico da Brinquedoteca. Por último, todos os alunos foram encaminhados para o cantinho do teatro (FIG.1 D) e lá puderam ouvir histórias dramatizadas com os fantoches pelas estagiárias e acadêmicas do curso de Pedagogia. Após a encenação da história Chapeuzinho Vermelho, os alunos foram convidados a contar histórias com os fantoches. Um dos alunos se apresentou para o teatro. O diálogo a seguir mostra o momento em que o aluno[1] toma em suas mãos os fantoches e dá vida aos mesmos.

João: Era uma vez, a chapeuzinho vermelho.
Aluno: Chapeuzinho amarelo!
João: Por que amarelo? A chapeuzinho vermelho... Ai, a chapeuzinho veio pelo caminho da floresta. E encontrou sabe quem crianças?
Turma: O lobo mal.
João: O lobo mal. Auuuu. O lobo mal falou pra ela ir por outro caminho. Sabe por quê?
Turma: Pra ele chegar primeiro na casa da vovó.
João Isso mesmo! Ai a chapeuzinho chegou na casa da vovó. Ela encontrou a vovó diferente, não foi?
Turma: Sim.
João: O que tinha de diferente na vovó?
Turma: A boca, o nariz, os olhos e a orelha.
João: Sabe que... Sabe o caçador?
Turma: Sim.
Aluno: O que matou o lobo mal.
João: Não é isso que eu tô falando. Presta atenção! O caçador é muito feio.
Caçador: Eu não sou feio não viu? Eu não sou feio não.
João: Esse caçador é muito louco.
Caçador: Esse caçador é o quê?
João: É muito louco.
Caçador: Eu não sou louco não viu?
Turma: (RISOS)
João: É muito louco. Ele parece uma mulherzinha.
Caçador: Eu não pareço uma mulherzinha não viu? Esse aqui é meu chapéu especial, e eu tenho o cabelo grande, porque eu gosto do cabelo grande. Eu não sou mulherzinha não viu? Thau... thau...

No diálogo da dramatização acima que envolveu João (aluno da pré-escola) e uma das estagiárias da Unimontes observa-se a capacidade que João manifesta de conduzir o teatro com a participação dos ouvintes (alunos). João direcionava perguntas para que os alunos se envolvessem na história. A história de Chapeuzinho Vermelho tem um roteiro inicial conhecido pelas crianças, no entanto, quando João insere o caçador na história, ele dá um rumo diferente para o enredo. Nesse instante João toma a liberdade de questionar a aparência do boneco escolhido para o papel do caçador pela estagiária, revelando aqui uma compreensão de certos estereótipos mais adequados ao meio social (um caçador de cabelo grande que parece uma mulherzinha). Esse é um conhecimento que as crianças vão internalizando durante seu aprendizado social no meio familiar e também na escola. O momento de entrada na escola as interações sociais dos pré-escolares aumentam, isto porque a socialização com seus pares possibilita o estabelecimento de novas amizades, da cooperação e ajuda, da participação social em jogos, do envolvimento nas atividades em grupos e do cumprimento de regras. Dessa forma, a maneira como meninos e meninas se vestem e comportam faz parte de um conhecimento social aprendido no meio familiar e também na escola. Além disso, percebe-se que João sabe como conduzir a história por meio de questionamentos demonstrando o domínio da linguagem oral. Como menciona Amaral (1996, p.22)[1] "o Boneco/objeto animado não é senão energia refletida do ator manipulador". Pode-se afirmar que o boneco/objeto é lançado para o exterior do corpo do manobrista expressando sua vontade, pensamento, sentimentos e

[1] Utilizamos um pseudônimo a criança colaboradora dessa ação como uma forma de preservar a identidade da mesma.

ISSN 1806-549 X

ideias que gostaria de compartilhar com o público. Nesse sentido, pode-se afirmar que o teatro de fantoches possibilita o desenvolvimento da expressão gestual, oral e plástica, a criatividade, imaginação, memória e a ampliação do vocabulário.

CONCLUSÃO

Este texto buscou analisar as experiências de alunos da Educação Infantil com o teatro de fantoches no contexto da Brinquedoteca, da Unimontes/Campus Pirapora. Observa-se que as crianças ficam estimuladas a participar das brincadeiras quando envolvidas com o teatro de bonecos. No evento aqui analisado percebe-se que João assumiu o controle da narração e demonstrou sua habilidade para envolver a plateia na história dramatizada. Sua criatividade deu outros contornos para a história tradicional de Chapeuzinho Vermelho. O teatro de fantoches mostra a possibilidade de desenvolver habilidades fundamentais no percurso de escolarização dos alunos da Educação Infantil: a criatividade, a imaginação, a percepção visual, auditiva e tátil, a percepção da sequência de fatos, a memória, a socialização, a linguagem oral e outros. Considera-se essa prática lúdica uma estratégia rica em possibilidades para o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

[1] AMARAL, Ana Maria. Teatro de formas animadas: Máscaras, Bonecos, Objetos. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1996.
[2] FERREIRA, Idalina Ladeira; CALDAS, Sarah P. Souza. **Fantoche & Cia.** São Paulo: Editora Scipione, 1993. (Série Pensamento e ação no magistério).
[3] RIOS, Rosana. Brincando com Teatro de Bonecos.4º Edição.São Paulo: Ed.Global, 2003.

Figura1: Espaços da Brinquedoteca

Fonte: Acervo da Autora, 20016.